

APONTAMENTOS SOBRE MEMÓRIA: O OFÍCIO DAS REZADEIRAS EM DELMIRO GOUVEIA NO SERTÃO ALAGOANO, NORDESTE DO BRASIL.

Sergiana Vieira dos Santos¹
Rachel Rocha de Almeida Barros²

Resumo: O estudo da memória e das representações no ofício das rezadeiras tem sido amplamente apropriado pelas Ciências Humanas e Sociais contribuindo para um aprofundamento de várias análises sobre esse ofício. Neste trabalho a proposta é de um estudo do ritual baseado na memória, sob uma visão antropológica, onde o mesmo será descrito e analisado: representação ritualística; memória das rezadeiras, símbolos presentes no ritual e alguns apontamentos sobre a eficácia resultada pela cura dos “males que rezador cura”. Delmiro Gouveia é uma cidade interiorana do Sertão de Alagoas na região Nordeste do Brasil que é contemplada com a presença desses importantes personagens da cultura popular, rezadeiras ou benzedadeiras, que se constituem com sua contribuição como referências para o estudo da memória indissociável da cultura, e das representações através da prática ritualística do rezar ou do benzer figurando no imaginário popular de cidades do interior. Suas práticas voltadas à cura de infortúnios materializados nas mais variadas doenças ou no “mal que rezador cura” tem sido objeto de pesquisa de muitas outras áreas no mundo acadêmico como as Ciências Sociais e a História, entre outras. É nesse sentido que este trabalho, em vias de desenvolvimento por ser parte da dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas contribuirá para a discussão de uma resignificação e reinterpretação desse ofício que carrega consigo influências dos povos indígenas, ibéricos e africanos, trazendo noções sobre quem são as rezadeiras e quais são os elementos presentes nos rituais de cura, sorte ou presságios e sua simbologia. Na intenção de dar visibilidade à prática ritualística que se constitui uma resistência desse ofício de mulheres rezadeiras é que se ancora a justificativa desse trabalho. Assim, para um aprofundamento teórico contribuirão para essa discussão as noções de ritual, na visão da antropologia, presentes nas obras de autores como: Victor Turner (1974), Jack Goody (2012) e Díaz Cruz (1998), e no que tange as questões pertinentes à memória a contribuição de Halbwachs (1990) e Bosi (1994). Com uma metodologia baseada na pesquisa de campo e na observação participante um primeiro levantamento com fichas de identificação traz alguns pontos importantes baseados em memórias dessas mulheres rezadeiras contribuindo para descrever e analisar o ritual nesta cidade do sertão alagoano fortalecendo uma cultura pautada na religiosidade popular.

Palavras-chave: Rezadeiras; Antropologia; Memória; Ritual.

¹ Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Bolsista CAPES/FAPEAL.

² Doutora em Antropologia Social pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

INTRODUÇÃO

O estudo da memória e das representações no ofício das rezadeiras tem sido amplamente apropriado pelas Ciências Humanas. Contribuindo para um aprofundamento de várias análises sobre esse ofício. Neste trabalho, o ritual e a eficácia simbólica serão, sob uma visão antropológica, estudados: sentidos do ritual; representação ritualística; memória e identidade das rezadeiras, símbolos presentes nessas práticas e a eficácia que produz a cura.

Delmiro Gouveia é uma cidade interiorana do Sertão de Alagoas que é contemplada com a presença dessas importantes personagens da cultura popular, as rezadeiras ou benzedoras, que se constituem com sua contribuição como referências para o estudo da identidade, da memória indissociável da cultura, e das representações através da prática ritualística do rezar ou do benzer.

As rezadeiras figuram no imaginário popular de cidades do interior. Suas práticas voltada à cura de infortúnios materializados nas mais variadas doenças tem sido objeto de pesquisa de muitas outras áreas no mundo acadêmico. Estudos sobre a eficácia no emprego de ervas e raízes para banho e ingestão, a ligação com religiões de matriz africana e com a pajelança também são encontrados em trabalhos que versam sobre a medicina popular. A proposta de fazer um estudo sobre o ritual das rezadeiras traz implícita a necessidade de discutir na Academia as práticas populares e sua contribuição na formação dos sujeitos, aproximando essas culturas e buscando compreender onde elas entrelaçam-se e complementam-se.

Este trabalho, em vias de desenvolvimento, contribuirá para a discussão de uma ressignificação e reinterpretação desse ofício que carrega consigo influências dos povos indígenas, ibéricos e africanos, discutindo o que são as rezadeiras e quais são os elementos presentes nos rituais de cura, sorte ou presságios e sua simbologia. Na intenção de dar visibilidade e comprovar a resistência desse ofício de mulheres rezadeiras é que se ancora a justificativa desse trabalho.

Discutir a fé, o dom, a dádiva, dentro da antropologia é também uma forma de valorização dessa prática popular. Ao passo que se é discutido o ritual, se torna visível, passa pela ressignificação ao trazer consigo uma temática que interessa tanto pela visão

do popular quanto da visão da ciência moderna. Nesse sentido, há também um resgate dessas práticas que ao serem comparadas às formas utilizadas pela medicina alopática na cura de determinadas enfermidades passa a abrir espaço para a inclusão da discussão do papel da medicina popular e da fé no processo de cura das mesmas.

As rezadeiras muito procuradas em um passado não tão distante, hoje são relegadas, aparentemente, a um esquecimento, quiçá involuntário, e que também se apresenta neste projeto como parte do problema a ser investigado e discutido. O que tem relegado as rezadeiras de Delmiro Gouveia a um possível esquecimento? E o ritual? De que forma o ritual se desenvolve? Houve mudanças nas formas de rezar e benzer? Estariam novos ofícios de crença hegemônicos anulando as atividades das rezadeiras? São algumas interrogações que tornam relevante a contribuição desta pesquisa para a discussão sobre a prática dessas mulheres, realidade presente nos saberes populares do sertanejo demarcando o lugar da cultura em sua formação.

Em algumas cidades brasileiras as rezadeiras atuam junto aos médicos. Em Delmiro Gouveia essa prática inexistente, dessa forma, essa pesquisa se propõe a analisar o ritual, suas práticas, de que forma influencia e contribui para o processo de cura, sorte e laços afetivos, observando os instrumentos e o perfil dessas pessoas que procuram esse auxílio, além de trazer a discussão se há um possível esquecimento e/ou substituição desse saber popular pela alopatia. Em uma discussão mais específica, observar os símbolos que caracterizam a prática ritualística, descrever os detalhes presentes no ambiente e identificar a contribuição dessas rezadeiras na construção de uma memória coletiva, essas observações servirão de base para aprofundar a análise do ritual e discutir o lugar social dessas mulheres que atuam em suas casas, utilizando-se de ervas, raízes e de sua fé para amenizar o sofrimento do outro.

Ao analisar o lugar social das rezadeiras de Delmiro Gouveia e suas práticas, buscar-se-á compreender a influência e a contribuição dessas mulheres com seus ritos de cura. Com isso, urge uma reflexão que coloque as práticas culturais presentes nesse ofício para além das generalizações. Essa leitura do mundo social deve trazer o aprofundamento do conhecimento do homem pelo homem naquilo que DaMatta (1987,p.4) nos faz compreender quando diz que “o próprio intelecto nos fará enxergar nossa humanidade no “outro”, e o “outro” dentro de nós mesmos”. Assim, este trabalho traz uma abordagem que pode contribuir para o entendimento e resposta dos problemas

levantados, e de como perceber-se parte dessa dinâmica cultural, uma vez que a alteridade se faz presente na construção desses desvelamentos.

DESVELANDO LEMBRANÇAS: A MEMÓRIA

Quem mora no interior, seja de Alagoas ou de qualquer outro estado do Nordeste, conhece, já ouviu falar ou já procurou uma rezadeira. Nesse sentido, Halbwachs (1968, p.78), afirma que “para que a memória dos outros venha assim reforçar e completar a nossa, é preciso também que as lembranças desses grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o meu passado.” Com isso, a partir da relação instituída entre os grupos os quais me identifico, também passo a pertencer, e é nesse sentido, o de pertencer, que nos sentimos próximos, nos sentimos parte. Rememorar esses momentos está na base da discussão da pesquisa com as rezadeiras, é nesse ato de lembrar que somos levados a perceber a similaridade nos modos de viver, de falar e nas formas de rezar e benzer. Dessa forma,

É na reflexão sobre a construção da identidade social que se reconhece os ritmos do cotidiano dos grupos de pertencimento na dinamização da sua memória sobre um passado e um presente que exprimem uma relação temporal vivida numa "ondulação dialética". O grupo reconstitui, pela memória, o tempo coletivo que se superpõe às rupturas: rememoram-se fatos e instantes recusando a morte global. (ECKERT,1997,p.15)

Assim, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” Bosi,(2007). Com base nessa afirmativa é que identifico as rezadeiras de Delmiro Gouveia como atores sociais relevantes na formação de uma resistência, tanto na questão da afirmação de uma religiosidade passando pelos usos de uma medicina popular, quanto na questão da atribuição da eficácia das rezas à fé. Esse relacionamento que a memória suscita evoca uma relação de coletividade. Para Jelin, (2002, p.98),

La memoria tiene entonces un papel altamente significativo como mecanismo cultural para fortalecer el sentido de pertenencia y a menudo para construir mayor confianza en si mismos (especialmente cuando se trata de grupos oprimidos, silenciados y discriminados.)

Ao tratar de um “possível esquecimento” quanto ao ofício das rezadeiras é importante compreender que a memória que vai reforçar o sentido de pertencimento, de identidade, que uma vez evocada fundamenta esses sentidos, reconhece a importância no esquecimento quando diz que,

O próprio esquecimento é também um aspecto relevante para a compreensão da memória de grupos e comunidades, pois muitas vezes é voluntário, indicando a vontade do grupo de ocultar determinados fatos. Assim, a memória coletiva reelabora constantemente os fatos. (SILVA,2006, p.2)

É preciso perceber que diante de conjunturas desfavoráveis à memória, o distanciamento e a negação surgem e:

[...] conforme as circunstâncias ocorre a emergência de certas lembranças, e a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos. (POLLAK,1989,p.7)

Nesse sentido,

Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento. Esquecimentos, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época. (BOSI,2003,p.18)

No entanto, torna-se extremamente prematuro afirmar que o esquecimento - como processo importante para a compreensão da memória - do ofício das rezadeiras em Delmiro Gouveia é algo premeditado, proposital. Esse é um caminho que será trilhado no decorrer da pesquisa, contudo, com base em algumas idas a campo pude perceber que esse esquecimento pode ser considerado traumático por parte de algumas mulheres que veem suas práticas, seu “dom”, sendo abafado por pressão de familiares que por terem aceitado uma nova fé acreditam que rezar e benzer “não é coisa de deus”.

É a memória coletiva que marca a cultura de um povo, nesse caso o que consideramos como cultura popular. Tylor é o precursor do conceito de cultura, para ele cultura é “o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR apud BURK, 2005, p.43). Mas como a noção de cultura é polissêmica, diversos antropólogos também contribuem com o que significa para eles essa expressão.

Para Geertz (1989), a “cultura é uma teia de significados construída pelos homens, localizada na mente e no coração dos homens, composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos, guiam seu comportamento”. Assim:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de

leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.
(GEERTZ, 1989, p.15)

Observa-se com essas noções que não existe uma unidade ou consenso no que diz respeito ao que vem a ser cultura. O que existe é uma polissemia que se completa, mas que é tão variada quanto os grupos sociais existentes.

Ao abordar a questão da identidade é preciso reforçar que a discussão, neste caso, trata da apropriação de uma identidade coletiva, algo que é compartilhado entre uma comunidade como seus valores, suas crenças, sua língua e seus costumes, o que diz respeito ao todo e não ao individual, no entanto faz-se necessário perceber que antes do sujeito ser parte desse todo (coletivo), ele precisa enxergar-se como essa parte, com isso, não existe uma identidade coletiva sem antes existir uma identidade individual. É o que Habermas afirma:

Ora, ninguém pode edificar sua própria identidade independentemente das identificações que os outros fazem dele. Trata-se certamente de interações realizadas pelos outros não na atitude proposicional de observadores, mas na atitude prática de participantes na interação. E o Eu tampouco realiza suas auto-identificações em atitude proposicional; enquanto Eu prático, ele se apresenta realizando o agir comunicativo. Em tal agir, os interessados devem supor um do outro que o distinguir-se do outro seja a cada momento reconhecido pelo outro. (HABERMAS (1976, p. 22)

Apesar da ida a campo e das conversas informais trazerem à tona a existência de uma quantidade expressiva de rezadeiras ainda ativas em Delmiro Gouveia, é possível perceber que a procura por essas práticas está mais escassa. De Certeau (1989, p.67), diz que “a cultura popular só se apreende no modo do desaparecimento porque o nosso saber nos impõe, seja como for, que deixemos de ouvi-la e de saber falar dela.” Nesse sentido percebe-se, nessa aparente escassez na procura pelas práticas populares de cura, a necessidade de um registro que salvasse essas práticas ou essas histórias de vida do esquecimento. Este trabalho ao levantar informações e relatos das práticas aprendidas e/recebidas por essas mulheres contribui para essa salvaguarda. Com isso, para que um determinado grupo social torne-se resistente as investidas de um processo histórico que pode legá-lo ao esquecimento, faz-se necessária a existência da sua identidade. Halbwachs (1990), afirma que “o grupo, no momento em que considerar o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo”. No caso das rezadeiras, o fato de morarem na mesma cidade, de muitas dizerem-se católicas praticantes não configura um reconhecimento

por parte das mesmas enquanto grupo. A categoria de grupo social é atribuída às mesmas por nós, pesquisadores e estudiosos do ritual.

Essas práticas de religiosidade popular são milenares e representam, muitas vezes de forma sincrética, a constituição, a formação do povo brasileiro. Recordo-me que em uma das casas das rezadeiras que visitei, na estante existia uma capela pequenininha onde no seu interior a imagem era a de Yemanjá, enquanto que nas paredes o quadro chamado popularmente de “Coração de Jesus” também dividia o mesmo espaço. Assim, evocar uma ancestralidade única não nos parece coerente, uma vez que o ambiente e nossas ações reproduzem e evidenciam as características de um passado cheio de misturas que enriquece nosso imaginário e que deveria também ser evocado com o intuito de provocar o reconhecimento de uma unidade social. Não ausente de diferenças, uma vez que são elas que enriquecem nossa cultura, mas reconhecer essa unidade no sentido de sentir-se parte dessa construção.

Para Jeudy (1990, p.19):

A memória não deixa de brincar com a identidade, embora mantenha um pacto com ela. Para quem quer que seja, o interesse conferido à lembrança só se torna princípio de satisfação na confusão das evocações, nesse emaranhado que chama outras lembranças, ainda que a busca da verdade ou da autenticidade seja sua finalidade aparente.

Disse Marilena Chauí (2000), “quem se torna memorável não morre jamais”. Dona Maria, senhora de 73 anos, rezadeira e moradora do povoado Cruz no município de Delmiro Gouveia é uma dessas figuras memoráveis. No seu relato de vida é preciso aguçar o ouvido e o olhar para compreender de que forma ela entende esse “dom” de rezar, tantas vezes repetido na fala dela. Essa “substância social da memória” está viva na oralidade que esse “tomar a palavra” representa. Essa memória individual de dona Maria, que recorda sua infância quando fala de que forma aprendeu a rezar, se coaduna com as falas das outras rezadeiras que em outros lugares e em outras situações também trouxeram à tona essas memórias.

Halbwachs (1968, p.12) afirma que:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e os outros para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.

Essa força da memória coletiva que existe nos modos com os quais as rezadeiras retratam sua infância, de que forma e como aprenderam a rezar nas pessoas, como se dá o ritual e a eficácia de suas rezas, e que por vezes parecem mera repetição, indicam que por viverem em locais distantes dos centros urbanos tanto as crenças, presentes nos novenários e nos terços rezados pelas senhoras e senhores católicos, quanto a cura acessada através da fé na mão que reza, refletem a busca pela sobrevivência em locais considerados esquecidos pela igreja e pelo poder público. Uma sobrevivência que está ligada diretamente a questão da terra, uma vez que é da mesma que se retira o alimento e os medicamentos para banhos, chás e infusões. A ligação entre o físico e o espiritual sendo vivido sem o aspecto dicotômico, mas unido naquilo que se põe à mesa.

Para Bosi (2003, p.36), “começa-se a atribuir à memória uma função decisiva na existência, já que ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações.” Com isso, se nas cidades a busca pelas práticas populares de cura é considerada ultrapassada porque perpassa uma irracionalidade, na zona rural as rezadeiras constituem figuras imponentes de resistência às investidas de outras religiões e a racionalidade presente no discurso da “ciência do concreto” que não permite enxergar nessas práticas traços de uma ancestralidade miscigenada e que apesar de seu estatuto de “popular” ou de “senso comum” também enriquece o saber acadêmico.

Assim, analisar e compreender o ritual, o lugar social de onde essas "Marias" falam com base nos dados coletados e contribuir para a conservação da memória presente no ritual das rezas e benzeções, além de um benefício para a história local também traz em seu bojo uma proposta de reconhecer a contribuição dessas mulheres no desenvolvimento social da cidade de Delmiro Gouveia. São memórias acessadas pela oralidade que nesse “tomar a palavra”, transmitem valores, atitudes e fixam-se como testemunhas do passado, “mediadores informais da cultura”.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.**

Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ARAÚJO, Melvina Mendes de. **Das Ervas Mediciniais à Fitoterapia.** SP: Ateliê Editorial, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade, lembrança de Velhos.** 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória.** Ensaio de Psicologia Social. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003, pp.13-48.

BURK, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

CAETANO, A. F. P. **Alagoas Colonial: identidade, sociedade e particularidades.** IV Congresso Internacional de História. Maringá, set/2009. Disponível em: <www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/508.pdf> Acesso em: 10/06/2014.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia Ed. Ática, São Paulo, 2000.

COSTA, M.A.F.; COSTA, M.F.B. **Projeto de Pesquisa: Entenda e Faça.** Petrópolis: Vozes, 2011.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Vol. II.** São Paulo: Clássicos Abril Coleções, Abril, 2010.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico.** 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

DE CERTEAU, Michel; JULIA, Dominique. **A beleza do morto: o conceito de cultura popular.** In: REVEL, Jacques (org.). a invenção da sociedade. Lisboa: DIFEL, 1989.

ECKERT, Cornelia. “Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica”. In: **Revista Humanas.** Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, nº 19/20, Porto Alegre, ano 1996/1997.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FLICK, Uwe. Entrevista Episódica. In: BAUER, Martin. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2000

GOMES, Mércio P. **Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura.** 2ª ed.,3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico.** Trad. Carlos N. Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** 2ª ed. Trad. Laurent L. Schaffter. São Paulo: Vértice. 1990.

HERTZ, Robert. **A preeminência da mão direita.** Revue Philosophique, vol. I. XVIII. Pp.553-580.

JELIN, E. **Los trabajos de la memoria.** Madrid. Siglo XIX de España Editores, Social Science Research Concl, 2002. Colección Memorias de la Represión.

JEUDY, Henri Pierre. **Memórias do social.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

JUNIOR, Walter R. de B. [et al.] (Orgs.). **Antropologia: uma reflexão sobre o homem.** Bauru, SP: Edusc, 2011.

KNAUTH, Daniela; MEINERZ, Nádia. Reflexões acerca da devolução dos dados na pesquisa antropológica sobre saúde. In: **Ciência e Saúde Coletiva.** Vol. 20, nº 9, 2015.

LAPLANTINE, François. **Antropologia da Doença.** São Paulo: Martins Fontes.3. ed.,2004.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico.** 20ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Trad. Bernardo Leitão. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural.** Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo. Cosac Naify, 2008.

_____ **O pensamento selvagem.** São Paulo: Papirus, 1976.

LUNA, Florencia. Consentimento livre e esclarecido: ainda uma ferramenta útil na ética em pesquisa. In: DINIZ, et al. **Ética em pesquisa: temas globais.** Brasília: Letras Livres & Editora da UNB, 2008.

MAUSS, Marcel. 1974 [1923-1924]. ‘Ensaio sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas’. In Marcel Mauss: **Sociologia e Antropologia** Vol. II. Pp.39-

184. Tradução de Mauro W.B. de Almeida. São Paulo: EPU/EDUSP.

MELLO, Luiz G. **Antropologia Cultural**: iniciação, teoria e temas. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985a.

_____. **O que é medicina popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985b.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 13ª ed. São Paulo: Atlas, 1985.

SILVA, Kalina V. SILVA, Maciel H. **DICIONÁRIO de Conceitos Históricos**. Disponível: <http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/dicionario_de_conceitos_historicos.pdf> Acesso em: 20/07/2015.